

XXXVII - Quais os principais entraves da vossa actividade em termos de propostas apresentadas?

Antes de mais, convém referir que na minha opinião o capital de risco em Portugal tem sido um conceito que se encontra muito mais perto do que se lê em livros de Gestão e Finanças do que o resultado de uma prática empresarial comum.

Nesse sentido a nossa principal dificuldade (que encaramos como uma oportunidade) resulta mais do facto de não existir um "Ecosistema" que assente numa complexa rede de relações, ideias, empreendedores e energia (capital) proporcionado pela Indústria de Capital de Risco especializada no financiamento de novos empreendimentos, nomeadamente os que se destinam à plataforma de comunicação Internet, do que propriamente das características dos projectos que nos têm sido apresentados.

Com efeito, nos primeiros meses de actividade verificou-se por parte das SCR instaladas alguma "perturbação" pelo facto de "erradamente" pensarem que nós estávamos a ocupar o ser espaço no mercado e por parte dos empreendedores alguma incompreensão da nossa missão uma vez que preferiam contactar directamente os investidores, até porque estes estavam ávidos de projectos, não só porque se entendiam tecnicamente preparados para o efeito como assim não tinham que pagar os serviços que nos propomos fazer.

Hoje, passados que foram mais de 18 meses de intensa actividade, já é normal os próprios investidores recomendarem aos empreendedores o contacto prévio com a nossa empresa assim como os empreendedores já fazem questão de nos contactarem directamente pois têm cada vez mais consciência das vantagens que o nosso conhecimento do mercado lhes pode proporcionar.

No entanto, e apesar das melhorias verificadas, não queremos deixar de aproveitar a oportunidade para apresentar um conjunto de factos que na minha opinião condicionam o desenvolvimento do Capital de Risco em Portugal e sobre os quais se devem urgentemente tomar medidas:

- As SCR internacionais não têm qualquer filial em Portugal, ao contrário do que acontece em Espanha, onde cerca de 45% do total dos montantes envolvidos na Indústria do Capital de Risco tem proveniência estrangeira. Ainda este mês de Fevereiro a sociedade europeia de Capital de Risco ETF, que conta com uma capacidade de investimento anual de 300 milhões de dólares, se instalou em Espanha, contribuindo para adicionar aos projectos espanhóis não só o capital "dinheiro" mas fundamentalmente o capital "conhecimento" – resultante do «saber fazer» das redes de contactos nacionais e internacionais e principalmente da credibilidade que proporciona às "ideias".
- Ausência de um quadro fiscal incentivador aos pequenos aforradores a investir em empresas não cotadas, ao contrário do que acontece em França onde se verifica um forte incentivo ao aparecimento de investidores informais habitualmente designados por Business Angels.
- As SCR públicas encontram-se sujeitas às directrizes da tutela que sobre elas se continua a impor e as isolam da sociedade real, em detrimento da tomada de participações de acordo com as análises de oportunidade e de retorno do investimento, num quadro temporal ajustado aos respectivos sectores económicos.
- Poucos gestores das SCR, nomeadamente das públicas; têm tempo ou vocação para se especializar em áreas diferentes da ciência e da tecnologia para serem capazes de avaliar projectos nas áreas das tecnologias de informação e comunicação com particular destaque para a internet o que, acrescentando ao facto de as SCR portuguesas não terem o hábito de recorrer a entidades externas para analisar os projectos que lhes são apresentados, faz com que a entrada das SCR nos projectos de âmbito tecnológico venha sendo adiada. Como consequência quando começam a surgir alguns sinais de dinamização dos mercados, como por exemplo ocorreu em 1999 com a Internet, já se torna tarde demais para investir pois passamos a estar em contra ciclo

com os mercados mais evoluídos o que leva como é obvio à retracção por parte dos investidores..

- Os Governos não têm percebido que, para dinamizar um "ecossistema" favorável à criação de uma cultura empreendedora não basta apenas disponibilizar milhões de contos – o 2º Quadro Comunitário de Apoio tinha um programa de apoio ao desenvolvimento do capital de risco que dispunha de mais de 40 milhões de contos e apenas foi utilizado em cerca de metade o que diz bem que o problema não está no dinheiro – quer através dos POEs quer através das SCR públicas, mas fundamentalmente estimular os empresários natos, através da sponsorização dos já citados concursos, de fóruns especializados, da dinamização regional de clubes de Business Angels e na formação de autênticas comunidades de interesses entre empreendedores e investidores, de forma a criar um ambiente promotor de excelência que alimente toda uma cadeia de micro-inovações ao longo de cada processo de negócio e de uma forma integrada.